

UMA PROPOSTA DE SEQUÊNCIA EXPANDIDA DE LEITURA ENTRE AS OBRAS O CORTIÇO E ÚRSULA

Aline Venturini¹

RESUMO: Este artigo apresenta uma proposta de trabalho com os romances, *Úrsula* (1859), de Maria Firmina dos Reis, e *O Cortiço* ([1890] 1973), de Aluísio de Azevedo, a partir dos pressupostos de Cosson (2009). As etapas da abordagem de Cosson (2009) selecionadas são: a temática, a contextualização histórica, e a teórica sobre as duas obras, a fim de desenvolver um projeto em torno das consequências históricas e sociais (o racismo estrutural) entre os momentos históricos da escravidão e da abolição, respectivamente representados pelos romances. Além de Cosson (2009), esta escrita se ancora nas reflexões em torno do ensino de leitura e literatura de Bordini e Aguiar (1988) e Cândido (2004). Objetiva-se apresentar uma abordagem do racismo estrutural e histórico no Brasil através da Literatura, apresentando duas perspectivas diferentes desse tema, através do confronto de lugar de fala dos respectivos autores.

Palavras-chave: Leitura. Literatura. Escravidão. Abolição. Expansão.

A PROPOSED EXPANSIVE SEQUENCE THE READING BETWEEN THE THE CORTIÇO AND ÚRSULA

ABSTRACT: This text presents a proposed work involving the novels *Úrsula* (1859) by Maria Firmina dos Reis and *O Cortiço* ([1890] 1973) by Aluísio de Azevedo, based on the principles outlined by Cosson (2009). The selected stages from Cosson's approach (2009) include thematic analysis, historical contextualization, and theoretical examination of the two works. The goal is to develop a project that delves into the historical and social implications, specifically structural racism, during the historical periods of slavery and abolition, as represented respectively by the novels. In addition to Cosson (2009), this writing is rooted in the educational reflections on reading and literature by Bordini and Aguiar (1988) and Cândido (2004). The objective is to present an exploration of structural and historical racism in Brazil through Literature, showcasing two distinct perspectives on this theme by examining the respective authors' points of view.

Keywords: Reading. Literature. Slavery. Abolition. Expansion.

¹ Doutorado em estudos Literários (UFRGS). E-mail: alineventurini260780@gmail.com

Introdução

O trabalho com literatura na sala de aula tradicional assenta-se em uma abordagem mais focada na memorização do contexto histórico, de uma lista de autores e de escolas literárias do que propriamente focada na leitura do texto literário. Segundo Bordini e Aguiar (1998),

A escola pública, todavia, embora nascendo com esse propósito de equalização, cedo revelou-se mais um aparelho de dominação das classes populares, traindo o seu objetivo inicial. Talvez essa traição se explique pelo fato de que a escola, na verdade, surgiu por iniciativa da burguesia emergente, que desejava ascender ao status social da aristocracia. As classes trabalhadoras menos favorecidas já de início não entraram nesse projeto de promoção cultural, determinando a existência de amplos segmentos de analfabetos. (BORDINI; AGUIAR, 1998, p. 10)

Essa abordagem da escola tem sido questionada e novos estudos foram realizados, no intuito de melhorar o trabalho com a leitura no ensino. Aos poucos, contudo, com as investigações realizadas, essa abordagem tem se modificado, ainda que lentamente, no ensino escolar. Dessa maneira, pensando em estratégias pedagógicas voltadas efetivamente para a leitura, este texto aborda a proposta de Cosson (2009), a qual destaca a leitura dos textos e sua interpretação. Por isso, o recorte desse texto propõe apresentar uma sequência expandida voltada para o estudo da leitura do texto literário para o Ensino Médio, notadamente para os primeiros anos, o qual se debruça sobre a leitura e a comparação de duas obras do mesmo século: *O Cortiço* ([1890] 1973), de Aluísio de Azevedo, e *Úrsula* (1859), de Maria Firmina dos Reis.

Os dois romances tratam, de formas e em perspectivas diferentes e opostas, da questão das relações de trabalho e da raça negra no Brasil. *Úrsula* (1859), escrito por Maria Firmina dos Reis, foi publicado em 1859, enquanto *O Cortiço* (1973), de Aluísio de Azevedo, data de 1890, bem após o primeiro, porém, mais reconhecido, uma vez que sempre figurou entre as obras de literatura mais estudadas na escola, localizado no movimento literário naturalista. Já *Úrsula* (1859) é um romance que sofreu notório apagamento por parte do cânone brasileiro, por de ser escrito por uma mulher negra, e apresentar uma perspectiva abolicionista e representativa das vozes afro. Os dois romances, portanto, se opõem nas visões de mundo que apresentam, uma vez que se constituem por lugares de fala opostos, ou seja, a voz do colonizador e sua perspectiva ocidental racionalista, em *O Cortiço* (1973), contra a voz genuína do negro e uma perspectiva crítica ao colonizador, em *Úrsula* (1859).

Considerando as diferentes perspectivas, o trabalho proposto em torno das duas obras se baseia na sequência expandida de Cosson (2009), a partir da qual apresentamos um estudo comparativo, tendo como fio condutor o trabalho e o racismo histórico, propondo, por fim, o desenvolvimento de um projeto de pesquisa com os alunos, os quais elaboram um recorte de perspectiva comparativa entre as obras sobre a problemática proposta. Esta última relaciona às duas textualidades em torno de uma problematização, destacando o trabalho e a raça negra que se articulam, portanto, ao tema transversal da cultura afro e das questões do racismo.

Com vistas a atender ao objetivo proposto, é mister circunscrever, já de início, a concepção de leitura que direciona nossas reflexões. Fundamentados em Bordini e Aguiar (1988) e em Candido (2004), princi-

palmente, entendemos a leitura como um processo colaborativo, interativo e dialógico, diferenciando-se radicalmente da abordagem tradicional, centrada em informações sobre épocas, estilos, características de escolas literárias, cuja leitura do texto literário fica em segundo plano. Tomamos o texto literário como central, com vistas à formação do leitor literário.

Estabelecidas essas considerações iniciais, destacamos os conceitos de sequência básica e expandida de leitura propostos por Rildo Cosson (2009), para dar visibilidade à sequência proposta com as duas obras propriamente ditas, e também para explicá-las devidamente, mostrando como se articulam, nesta proposta, os temas trabalho e racismo e, para finalizar, apresentar as possíveis contribuições desse estudo para o desenvolvimento de uma estratégia mais eficaz em torno da leitura do texto literário no ensino médio.

As sequências básica e expandida

Cosson (2009) elabora a sua proposta de sequências focadas no trabalho de leitura com os alunos porque percebe e aponta uma série de questões insuficientes da abordagem tradicional com o texto literário, vigente por quase todo o século XX no ensino escolar. De acordo com o autor, o conceito de leitura, apresenta problemas, uma vez que esteve, por muito tempo, ligado à decodificação. Outra questão, para ele, é que a biblioteca, na abordagem tradicional do ensino de leitura e da literatura, ocupa um lugar secundário, uma vez que o trabalho está ligado muito mais à memorização de uma lista de autores e obras relacionados, para fins de estudo, aos movimentos literários, que têm a ver com uma série de características culturais e sociais de uma determinada época, para o qual não é nem preciso ler as obras. Nesse sentido, Cosson (2009) aponta

a abordagem tradicional como insuficiente para a formação do leitor.

Dessa forma, como uma proposta de desenvolvimento de leitura efetiva do texto literário, Cosson (2009) elabora as sequências básica e expandida. A básica consiste em uma primeira exploração do texto e é composta por quatro partes: 1) a motivação, a qual objetiva explorar os elementos do livro, como a capa, a orelha e o prefácio, a fim de preparar o aluno para começar a leitura; 2) apresentação do autor e da obra, considerando a recomendação de não resumir a obra, demonstrando a preocupação com o leitor, que deve descobri-la em seu próprio processo; 3) foco na leitura propriamente dita, destacando que ela se divide em pequenos intervalos, a fim de ser acompanhada. Outra recomendação é que a leitura seja realizada em casa e não em sala de aula, que é o espaço reservado para as discussões e compartilhamento, atividade fundamental no processo; 4) interpretação, que compreende justamente o compartilhamento das leituras entre os alunos. Nesta fase, Cosson (2009) sublinha que é fundamental que o aluno faça um registro escrito de sua leitura, podendo optar por uma resenha ou mesmo uma entrevista com os outros alunos sobre suas interpretações. Nesse momento é que acontecem as inferências e o entrelaçamento de leituras e entre obras.

A sequência expandida compreende a sequência básica e trata da articulação entre saberes e experiências literárias que acontecem na contextualização, em que o leitor considera o contexto, o qual pode ser: 1) o teórico, composto pelas ideias que fundamentam a obra lida; 2) a contextualização estilística, que foca nos períodos literários e situa a obra no tempo; 3) a crítica, voltada para as considerações especialistas, as quais não devem se sobressair a interpretação de aluno, como afirma Cosson (2009); 4) a contextualização temática, conforme o nome já

diz, voltada às discussões sobre o(s) tema(s); e 5) a presentificadora, na qual o leitor identifica na obra elementos semelhantes ao seu tempo e contexto.

Para exemplificar a sequência expandida, Cosson (2009), propõe a leitura de *O Cortiço* ([1890] 1973). Na primeira fase, a motivação, Cosson (2009) propõe a oferta de vários anúncios de condomínios para os alunos, os quais devem escolher aquele que gostariam de morar e justificar a escolha. O tema norteador para a motivação é o da moradia, já que o nome da obra selecionada é *O Cortiço* ([1890] 1973), que corresponde à moradia coletiva do século XIX, local no qual habitam os personagens da obra em questão, administrada por João Romão. O condomínio, nesse caso, é um arranjo atual desse tipo de moradia, e representa vários estratos da sociedade, desde os mais pobres até os mais ricos. Nesse caso, esta fase serve para introduzir o tema da obra, antes de abordá-la propriamente.

A segunda fase é a introdução, para a qual o autor selecionou a música de Adoniran Barbosa, “Saudosa Maloca”. Ele destaca que é possível escolher uma música mais atual, de acordo com os interesses dos alunos, contanto que aborde a questão da dificuldade de moradia. Também é possível fazer a leitura de uma imagem, como, por exemplo, de uma favela.

Na primeira interpretação, Cosson (2009) sugere a escrita de um ensaio ou entrevista, contendo as impressões de leitura realizada já a partir dos intervalos. Nesse sentido, o professor pode dividir a leitura em quantos intervalos considerar melhor, para trabalhar por etapas a leitura do livro. Desse modo, os alunos realizam sempre a leitura em casa, fazem suas anotações e trazem para a discussão e compartilhamento em sala de aula.

Antes da segunda interpretação, desenvolve-se a contextualização, a qual inicia

com a sequência expandida propriamente dita. Nesse caso, expandir significa verificar as ideias que se relacionam com a obra e com o contexto de modo geral, aspectos que normalmente são trabalhados de uma forma bastante esquemática e insipiente na forma tradicional de estudar literatura na escola. Nesse momento, Cosson (2009) sublinha que o professor não precisa trabalhar todas as propostas, pois é possível escolher a que deseja enfatizar mais, ou mesmo se quiser trabalhar todas, também é possível, mas isso demandará mais tempo de trabalho. Assim, a contextualização é formada pelas seguintes partes: 1) temática, a qual consiste no tratamento dos temas relacionados, como racismo, pobreza, vulnerabilidade social, violência, entre outros; 2) teórica, a qual trata das ideias filosóficas que fundamentam os princípios de conduta da sociedade e dos personagens, no caso, o determinismo biológico, cerne do movimento naturalista; 3) a contextualização histórica, que discute e mostra a história e os aspectos concernentes à sociedade, à época, no caso, a sociedade do Império brasileiro; 4) a presentificadora, que consiste em trazer para o momento presente do aluno as questões de moradia e de pobreza, discutidas ao longo da sequência básica; e, por fim, 5) a poética, na qual são estudados os aspectos estilísticos, linguísticos e estruturais do romance, e que podem ser selecionados, como no caso aqui, a descrição dos personagens, dos lugares e das coisas, por ser justamente uma característica marcante do estilo de romance naturalista no Brasil.

Esta foi a abordagem de Cosson (2009) da obra *O Cortiço* ([1890] 1973). Tendo em conta que o objetivo de nosso estudo é apresentar uma sequência expandida voltada para o estudo da leitura do texto literário para o Ensino Médio, como já sinalizamos, nossa proposta é comparar as obras *O Cortiço* ([1890] 1973), de Aluísio de Azevedo,

e Úrsula (1859), de Maria Firmina dos Reis, pelo viés histórico, de modo a estabelecer a relação entre causa e consequência entre os fatos, ou seja, a escravidão, representada em Úrsula (1859) e o período pós-abolição da escravatura em O Cortiço ([1890] 1973). Para isso, será elaborada uma sequência básica e expandida em torno do tema “trabalho”, eixo que organiza o pensamento em torno do recorte proposto. Desse modo, será descrita a abordagem pretendida, utilizando as mesmas etapas propostas por Cosson (2009).

É válido destacar que a comparação sugerida é para problematizar a dialética entre duas perspectivas sobre a raça e cultura negras existentes, de modo que os alunos vejam a apresentação literária das duas perspectivas, de modo a desenvolver uma atitude anti-racista. Pressupõe-se que o trabalho da sequência básica também deve ser realizado com a obra Úrsula (1859), para depois se chegar ao trabalho da sequência expandida que compara as duas obras e a diferença de perspectiva histórica, centrada especialmente no lugar de fala dos autores e, sobretudo, onde as obras se localizam dentro do cânone.

O Cortiço: uma leitura sobre o trabalho – da sequência básica à sequência expandida

O movimento inicial em direção à leitura do texto literário – O Cortiço – será a “motivação”, que consiste em iniciar uma conversa sobre as diferentes profissões e pedir aos alunos que imaginem e descrevam os tipos de pessoas que as exercem. Após esta conversa inicial, serão mostradas imagens de várias profissões. Com essa primeira atividade de leitura será possível perceber se há ou não algum tipo de pré-julgamento, de preconceito de raça ou classe em torno de quem exerce determinado tipo de trabalho mostrado, o que poderá suscitar um debate

preliminar.

Na segunda fase, a interpretação, poderá ser abordado o slam² Resistência de Rafael Carnevalli, falando sobre a realidade opressora brasileira, no canal Guerrilhavídeos no youtube³. Carnevalli descreve as dificuldades decorrentes do racismo enfrentadas pelos jovens como a violência policial sofrida, a desigualdade social e a falta de trabalho. Dirige-se ao homem branco, aquele que o julga: “Como pode julgar quem sempre teve brinquedos, os pano, refeição? Como pode julgar? O rancor consome quem nunca se sentiu oprimido em becos em que qualquer neguinho é fácil confundir com bandido...” (CARNEVALLI, 2015). O vídeo pode ser assistido pelos alunos, tendo a transcrição do poema recitado para acompanhar. O slam em questão relaciona trabalho, condições de marginalidade e a realidade opressora resultante do racismo estrutural, completando, dessa forma, a atividade da motivação. Neste, vale também um debate, cujas ideias serão relacionadas com as leituras dos intervalos de O cortiço ([1890] 1973), posteriormente.

Na fase da primeira interpretação, são estipulados os intervalos de leitura do romance O Cortiço ([1890] 1973), os quais podem ser divididos em quatro, pelo menos, a saber: o primeiro intervalo compreende a história do cortiço (I a III); o segundo caracteriza seus habitantes (III a VI), o terceiro, de VI a X, sobre Rita Baiana e o último, de XI a XVIII,

- 2 “Slam (ou Poetry Slams) são batalhas de poesia falada que surgiram nos anos 1980 nos Estados Unidos. Muitos chamam de “esporte da poesia falada” e, como aparece no documentário recém-lançado, o responsável por organizar o primeiro Slam, Marc Kelly Smith, alega que resolveu utilizar da lógica da competição como forma de chamar atenção para o texto e performance dos poetas”. Disponível em: <https://profseducacao.com.br/artigos/o-que-e-slam-poesia-educacao-e-protesto/> Acesso em: 28 ago. 2023.
- 3 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=P3gzWY-WECo>

que aborda os desdobramentos do incêndio do cortiço.

As leituras devem ser realizadas em casa, pelos alunos, e ter algum tipo de anotação escrita para entregar e para compartilhar oralmente com a turma. Conforme sublinha Cosson (2009) o registro escrito compreende a apreensão geral da obra. Nesse sentido, os alunos podem se reunir em duplas e um entrevistar o outro acerca de suas interpretações individuais sobre a obra.

Na parte da contextualização é que inicia a sequência expandida propriamente dita. Em nossa proposta destacamos as etapas histórica, temática e teórica. Para tanto, os alunos iniciam com uma pesquisa histórica sobre a época dos cortiços, na qual se insere o personagem João Romão – Brasil Imperial – e sobre como eram as relações de trabalho, bem como as condições de vida das pessoas durante esse período histórico brasileiro, principalmente das que moravam em cortiços.

Após realizar a contextualização, Cosson (2009) propõe a segunda interpretação e que vai caracterizar a expansão proposta por esta sequência. Nesse momento, os alunos podem escolher um tópico, para o qual sugerimos a questão do racismo e da raça, através da relação entre os períodos históricos entre *O Cortiço* ([1890] 1973) e a da escravidão apresentada em outra obra, *Úrsula* (1859).

Finalmente, após a realização da sequência básica e da contextualização em torno de *O Cortiço* aplica-se o projeto de comparação entre as duas obras, tomando por base as contextualizações temática, histórica e teórica. Como eixo central, é proposto o tema do racismo estrutural, ancorado pela comparação entre contextos históricos entre as obras. Em *Úrsula* (1859), o contexto é o da escravidão sob a perspectiva do próprio negro escravizado. Já em *O Cortiço* ([1890] 1973), o momento histórico repre-

sentado é o da pós-abolição, em um cortiço, cuja maioria dos habitantes são negros e mestiços pobres, e alguns, como Bertoleza, que supostamente compraram sua carta de alforria, como é possível ver, na própria obra, pois João Romão havia prometido e dito que compraria sua liberdade e, por fim, era tudo mentira, culminando no suicídio de Bertoleza.

Nesse ponto, Cosson (2009, p. 112-113) destaca que o tema não deve se sobrepor à leitura da obra, em um primeiro momento, mas sim, trabalhado dentro dela:

Em *O Cortiço*, temas como prostituição, a condição feminina e o racismo podem suscitar bons debates em sala de aula e gerar uma contextualização temática de alto rendimento na leitura da obra. [...] a contextualização não se resume a essas sete propostas. Na verdade, elas podem ser ampliadas, divididas e reconfiguradas de acordo com o trabalho a ser realizado. Há, entretanto, algumas orientações que devem ser observadas. [...] é conveniente que a contextualização seja feita, de preferência, por meio de uma pesquisa e apresentada à turma como tal. Essa pesquisa pode envolver os mais diversos procedimentos de coleta de informações – como entrevistas, levantamento na internet, consulta a bibliografia especializada etc., mas não pode deixar de ser planejada pelos alunos sob a orientação do professor.

Nesse ponto exato é que se encontra a pesquisa mais aprofundada e comparativa entre os romances em questão, deixando para o aluno as possíveis abordagens em torno de como o racismo estrutural é desenvolvido e aparece representado em ambos os textos literários, bem como os contextos históricos ficcionalizados. Cosson (2009) também propõe um trabalho em forma de projeto, com todas as fases que este possui: delimitação, objetivos, justificativa, metodologia, fundamentos, resultados esperados, cronograma e bibliografia. Nesse sentido,

em uma experiência de sala de aula ideal, se espera que os alunos escolham o tópico ou a delimitação conforme o desenvolvimento de sua leitura, o que pode resultar em vários enfoques diferentes e neste texto será apresentada apenas uma possibilidade possível de projeto em torno de *O Cortiço* ([1890] 1973), sugerindo uma comparação com outra obra do mesmo século e que trata da mesma questão.

Vale lembrar que é possível, em um primeiro momento, o professor apresentar sugestões de enfoques diversos, caso os alunos tenham dificuldades para fazê-lo, ou mesmo fazer um apanhado de ideias possíveis. Nesse ponto, Cosson (2009, p.116) destaca que:

Uma vez elaborados, os projetos devem ser apresentados à turma para que possam ser discutidos e estratégias de colaboração possam ser estabelecidas entre as diferentes propostas. Também não se deve esquecer que o recurso ao projeto requer uma apresentação dos resultados alcançados e o compartilhamento deles com a turma.

Nesta parte da expansão, Cosson (2009) abre a relação da obra estudada com outras. Pode ser sugestão do professor ou conforme a relação que os alunos pretendem fazer, com obras atuais também. Desse modo, o trabalho pode ser realizado em grupos e o professor pode atuar apenas como um orientador, conforme as propostas dos alunos. Considerando a hipótese de que a turma de alunos nunca tenha realizado uma pesquisa dessa natureza e seguindo todos os passos de um projeto, é importante começar com grupos e depois fazer esse trabalho de forma individual, a fim de que aprendam e desenvolvam mecanismos próprios da pesquisa solitária, pois poderão se deparar com essa situação em sua vida acadêmica.

Sobre o trabalho de comparação entre obras, o qual pode focar a recepção, embora não seja exatamente o caso aqui explicado, Cosson (2009, p.111) afirma que:

O confronto de leituras no tempo e no espaço é um diálogo no processo de letramento literário. Ele nos dá a dimensão do tempo e do leitor que as obras carregam consigo no universo da cultura. São elos de uma corrente que se vai ampliando e se transformando a cada novo leitor que a ela se acrescenta.

Neste caso, Cosson (2009) trata da leitura das obras críticas sobre a recepção da obra lida, mas pode se aplicar ao trabalho com outra, em comparação, como é proposto nesta escrita. Para o trabalho de comparação entre *O Cortiço* ([1890] 1973) com *Úrsula* (1859), é fundamental que todos os alunos do grupo, ou todos os envolvidos, caso o professor também proponha a comparação para toda a turma, e a delimitação ser distinta, de que todos leiam a segunda obra proposta, percorrendo, se não todas as fases da sequência básica, ao menos compartilhem suas impressões de leitura no grupo, para chegarem a um consenso sobre o aspecto que desejam abordar na delimitação do projeto. Neste texto em especial, é sugerida a relação de consequência social entre a escravidão abordada em *Úrsula* (1859), momento histórico anterior ao momento apresentado em *O Cortiço* ([1890] 1973), no qual a abolição já havia sido decretada e que mostra, portanto, a situação em que negros e mestiços se encontraram após a abolição, a qual se caracteriza pelo cortiço. A personagem Bertoleza ilustra bem essa questão.

Quando uma obra é comparada a outra ou são percebidas as relações existentes de intertextualidade, é o momento da expansão da leitura, de acordo com Cosson (2009, p. 118-119):

[...] é esse movimento de ultrapassagem do limite do texto para outros textos, quer visto como extrapolação dentro do processo de leitura, quer visto como intertextualidade no campo literário, que denominamos de expansão. Desse modo, a expansão busca destacar as possibilidades de diálogo que toda obra articula com os textos que a precederam ou lhe são contemporâneos ou posteriores.

Nem sempre as obras vão apresentar uma relação intertextual explícita, no sentido da recepção, de que uma obra diretamente converse com outra ou seja inspiração. De acordo com Cosson (2009, p.119): “o professor pode incentivar os alunos a buscarem a relação intertextual.” Por isso, é possível traçar um paralelo entre *Úrsula* (1859) e *O Cortiço* ([1890] 1973), no sentido que o primeira apresenta a obra escrita por uma mulher negra e uma perspectiva abolicionista da escravidão. Nesse sentido, é como se *Úrsula* representasse a voz das inúmeras mulheres negras, como Bertoleza, a personagem de *O Cortiço*, que se posiciona e fala de sua própria situação, uma vez que o romance de Aluísio de Azevedo traz a perspectiva do colonizador branco, o qual fala por ela.

Desse modo, o próximo item que segue trata da sequência expandida propriamente dita entre as duas obras. A expansão consiste justamente no foco nos períodos históricos, na exploração do trabalho e no lugar de fala dos respectivos autores.

Sequência expandida sobre *O Cortiço* e *Úrsula*

O trabalho da expansão, conforme Cosson (2009, p.119), “é essencialmente comparativo. Trata-se de colocar as duas obras em contraste e confronto a partir de seus pontos de ligação.” Estabelecemos, em nossa proposta, um elo por contraste de perspectivas autorais e históricas entre as duas obras, de modo a ver a relação causa-consequência

entre os períodos da escravidão, representado por *Úrsula* (1859), e o pós-abolição da escravatura, em que os negros e seus descendentes enfrentam o problema da falta de trabalho remunerado e são submetidos a moradias precárias, como a que aparece intitulada no romance de Aluísio de Azevedo. Desse modo, o movimento realizado é o que Cosson (2009, p. 119) define como:

[...] um diálogo que o leitor constrói entre duas ou mais obras. Nesse caso, tanto o professor quanto os alunos podem propor a obra segunda para que sejam buscadas as relações possíveis. Aqui é importante que o professor tenha em mente que as relações que nos parecem evidentes nem sempre são percebidas do mesmo modo que os alunos.

A proposta de comparação e de estabelecimento de relação entre *O Cortiço* e *Úrsula* é realizada pelo professor, uma vez que a segunda obra está recém adentrando o cânone, pois, pelos motivos antes elencados neste texto, sofreu um grande período de apagamento. Os critérios para a escolha desta expansão são, primeiramente, o fato de as duas obras pertencerem ao mesmo século: *Úrsula* foi publicada antes, em 1859, mas foi descoberta e valorizada somente a partir do final do século XX para a entrada do século XXI e *O Cortiço*, 1890. Em segundo lugar, o critério é o de contraste de perspectivas autorais. Dessa maneira, a obra de Aluísio de Azevedo é a primeira a ser trabalhada na sequência básica, uma vez que representa o cânone e a de Maria Firmina dos Reis entra como um contraponto autoral, ou seja, de perspectiva e de lugar de fala da escritora ao primeiro romance. O terceiro critério é o estabelecimento de contraste histórico, verificando as consequências da escravidão no período imperial, após a libertação dos escravizados, a qual culminou na grande massa de negros e mestiços empobrecidos

e sem perspectiva, representada, portanto, no cortiço de Aluísio de Azevedo sob a ótica racionalista eurocêntrica e branca.

O Cortiço ([1890] 1973) consiste na primeira obra, uma vez que faz parte do cânone e este deve ser abordado na escola, além de obras não canônicas também. No entanto, é um equívoco considerar que o cânone deve ser abandonado e o professor trabalhar somente o não canônico por representar uma voz eurocêntrica. O questionamento do cânone e a abertura para as vozes apagadas da literatura não se realizará com o abandono, mas do trabalho contrastivo, que é o que a proposta descrita neste texto pretende. Queiramos ou não, o cânone faz parte do arsenal de valores que formou a atual sociedade ocidental, muito embora ela seja colonial. A diferença está em trazer as literaturas que foram apagadas e marginalizadas e mostrar a sua perspectiva. Assim, os alunos terão a real dimensão da sobreposição de vozes sobre as outras, bem como ter a consciência do processo colonial ocorrido. Neste sentido, conforme Cosson (2009, p. 133):

Esses leitores não devem ser meros consumidores da cultura, quer como tradição, quer como contemporaneidade, mas sim, membros de uma comunidade que se apropriam de sua herança cultural e com ela dialogam. Em outras palavras, precisam saber abordar os textos literários segundo seus interesses dentro e a partir da sua comunidade cultural. Nossa posição, portanto, é que a seleção dos textos para serem ensinados e aprendidos como herança cultural não pode prescindir da tradição, uma vez que é essa tradição que diz ao leitor que ele é parte de uma comunidade e é para fazê-lo reconhecer-se como gente dentro dessa comunidade que a literatura existe na escola. Com isso não estamos defendendo, obviamente, que os textos contemporâneos, ou não canônicos devem ser deixados de lado, mas sim que precisam ser trabalhados dentro da perspectiva da formação de um leitor cultural.

Cosson (2009) sugere uma sequência básica em torno da moradia sobre O Cortiço (1890] 1973), a qual já foi descrita anteriormente. Em relação a Úrsula (1859), é necessário abreviar o trabalho da sequência básica, como o próprio autor explica:

O trabalho de expansão é essencialmente comparativo. Trata-se de colocar as duas obras em confronto a partir de seus pontos de ligação. Isso pode ser feito com a comparação imediata entre as duas obras ou ser desenvolvido de maneira semelhante à sequência básica. Na primeira opção, a obra segunda é rapidamente introduzida e sua leitura é condicionada à relação a ser estabelecida com a obra primeira. O professor já encaminha a atividade a ser feita antes da leitura da obra ou logo depois. Na segunda opção, a sequência pode ser reduzida, eliminando-se a etapa da motivação, uma vez que a leitura da obra primeira já funciona como tal. Após a interpretação, realiza-se a comparação entre as obras. (COSSON, 2009, p.119).

Úrsula (1859) retrata a história de três negros, sendo que um deles, Túlio, que salvou a vida de Tancredo, um branco de família rica que, para recompensá-lo, lhe dá a liberdade. Mesmo assim, tem um final infeliz. Ao mesmo tempo, Túlio narra a história de Suzana, a segunda negra do trio, a qual foi retirada da África, separada de seu marido e filhos, e escravizada; e de Antero, o qual fala sobre sua terra marcada pelo trabalho duro e pela cultura. É o mais velho dos três, que trabalhava como guardião e desenvolveu o alcoolismo para suportar as péssimas condições de sua existência como escravo.

O nome Úrsula caracteriza a moça pobre com quem o rico Tancredo tem uma história de amor como pano de fundo do romance. Contudo, o obstáculo principal para o romance entre os dois se concretizar é o tio da Moça, Fernando P., um homem escravocrata que maltratava não só seus escravos, como também Úrsula e sua mãe. No final,

ele mata Tancredo, no dia do seu casamento, fato que leva à morte de Úrsula. Após o final trágico, Fernando P., arrependido, liberta todos os seus escravos e se isola em um convento até morrer.

Desse modo, a proposta da sequência expandida evidencia uma sugestão de projeto que pode ser desenvolvido pelos alunos, pontuando a questão das relações de trabalho e do racismo. Isso pode ser realizado comparando dois períodos históricos diferentes, apresentados nas obras em questão, e, sendo assim, a contextualização principal aqui é a histórica, acompanhada da teórica e da temática, uma vez que o racismo estrutural é a questão e o objetivo central deste trabalho.

No que tange este trabalho, é fundamental pensar a posição de fala do autor e dos momentos sociais distintos. Nesse caso, é pertinente, pois o primeiro romance, *Úrsula* (1859), foi apagado do cânone literário, justamente pela razão de a autora ser mulher e negra. Já o segundo, *O Cortiço* ([1890] 1973), se trata de um autor também mestiço, no caso, Aluísio de Azevedo, um homem, o qual transita dentro do cânone e que traz uma perspectiva de acordo com os referenciais europeus, que corresponde ao Determinismo Biológico.

Primeiramente, se esclarecerá quem são os autores e os contextos históricos que representam. Maria Firmina dos Reis é considerada a primeira romancista negra da história da literatura brasileira, contudo, sua obra foi apagada por muito tempo. Era professora de primeiras letras entre 1847 e 1881 e era uma ativista pela causa abolicionista e também pela educação, pois fundou uma escola de aulas mistas, isto é, de meninos e meninas, uma vez que no século XIX os gêneros eram separados na escola. Além disso, incluía os alunos que não podiam pagar e as classes sociais também eram misturadas em suas aulas. Para a época, a proposta era

considerada ousada e revolucionária. Além disso, seu modo de vida também era revolucionário para a época: além de ser negra, professora e detentora de condições financeiras favoráveis, também não se casou. Segundo Benevides (2017, p. 3): “desse modo, como mulher madura e solteira que exerce uma atividade pública ao inserir-se no meio letrado a escritora enfrenta uma série de obstáculos, sobretudo o discurso da suposta inferioridade da mulher.” Por isso que, ainda conforme o mesmo autor, Maria Firmina tinha consciência do preconceito que sofria e de que sua obra não seria considerada; e deixou isso claro na epígrafe de *Úrsula*:

Sei que pouco vale este romance, porque escripto por uma mulher, e mulher brasileira, de educação acanhada e sem o tracto e a conversação dos homens ilustrados, que aconselham, que discutem e que corrigem, com uma instrucção misérrima, apenas conhecendo a língua de seus paes, e pouco lida, o seu cabedal intelectual é quase nulo. (REIS, 1859, p. 10).

Desse modo, a relação entre *O Cortiço* ([1890] 1973) e *Úrsula* (1859) deve evidenciar a perspectiva de denúncia do trabalho escravo pela autora, seu lugar de fala e seus personagens protagonistas. Neste sentido, os alunos são orientados a fazer uma pesquisa sobre o contexto histórico da escravidão, representado na obra, ou mesmo é possível fazer um trabalho interdisciplinar com o docente da disciplina de História. Após este primeiro encaminhamento, é importante que os alunos façam um registro, analisando a forma como a escravidão é representada na obra e apontando as diferenças de perspectiva diante do discurso histórico com o qual entraram em contato. É fundamental fazer esse compartilhamento de anotações e impressões sobre a representação do trabalho escravo em *Úrsula* (1859) percebendo as contribuições críticas sobre a sociedade

e o trabalho na época que o texto literário proporciona.

Após esse primeiro momento, ocorre a comparação com *O Cortiço* ([1890] 1973) e como a vida de negros e mestiços foi modificada no período pós-abolição. Vale questionar a forma como a obra representa isso e qual é a perspectiva que o autor, Aluísio de Azevedo, adota. Desse modo, retomando a contextualização teórica realizada anteriormente, pode ser constatado que essa visão possui um viés racista, discriminatório e enaltecido da raça branca, ao comparar as pessoas, especialmente pobres, negras ou mestiças, com animais. Dessa forma, é possível estabelecer como recorte as personagens Bertoleza, uma vez que esta luta até o fim para conseguir comprar a sua liberdade e é enganada por João Romão, bem como a personagem Rita Baiana, vista como uma mulher perigosa e que “desencaminha” o português trabalhador e correto como Jerônimo e seu amante Firmo.

A primeira personagem, Bertoleza, era uma escrava que pagava vinte mil réis todo mês ao seu senhor, um cego, por sua liberdade. Tinha uma quitanda e estava com outro português quando conheceu João Romão. Quando ele morreu, Romão aproximou-se dela, fazendo-a dependente dele aos poucos. Logo se tornaram amantes e ele forjou a sua carta de alforria: “[...] a tal carta de liberdade era obra do próprio João Romão, [...] o senhor de Bertoleza não teve sequer conhecimento do fato [...]” (AZEVEDO, [1890] 1973, p. 23).

Bertoleza continuou escrava formalmente e também escravizada por João Romão, pois usou do seu trabalho e de suas economias para fazer o cortiço. Trabalhava, sem saber, como escrava dele, uma vez que era sua amante e o ajudou a enriquecer. Era ele quem gerenciava as suas economias e era para quem as pessoas se dirigiam quando queriam falar com Bertoleza:

Bertoleza representava agora ao lado de João Romão o papel tríplice de caixeiro, de criada e de amante. Mourejava a valer, mas de cara alegre; às quatro da madrugada estava já na faina de todos os dias, aviando o café para os fregueses e depois preparando o almoço para os trabalhadores de uma pedreira que havia para além de um grande capinzal aos fundos da venda. Varria a casa, cozinhava, vendia o balcão na taverna, quando o amigo andava ocupado lá fora; fazia a sua quitanda durante o dia no intervalo de outros serviços, e á noite passava-se para a porta da venda, e, defronte de um fogareiro de barro, fritava fígado e frigia sardinhas, que Romão ia pela manhã, em mangas de camisa, de tamancos e sem meias, comprar á praia do Peixe. E o demônio da mulher ainda encontrava tempo para lavar e consertar, além da sua, a roupa do seu homem [...] (AZEVEDO, [1890] 1973, p. 24).

Em nome de seu companheirismo e um sentimento de gratidão por João Romão, Bertoleza trabalhava tanto quanto o fazia quando escrava, na ilusão de que João estava cuidando de seu futuro e investindo em sua carta de alforria. O novo arranjo exploratório de Bertoleza, análogo à escravidão e do qual tentava livrar-se, é explicado por Cândido (2004, p. 111):

Com efeito, o que há n’O cortiço são formas primitivas de amealhamento, a partir de muito pouco ou quase nada, exigindo uma espécie de rigoroso ascetismo inicial e de modalidades diretas e brutais de exploração, incluindo o furto como forma de ganho e a transformação da mulher escrava em companheira-máquina.

João Romão era o explorador dela e dos outros habitantes do cortiço. O trabalho e sua dinâmica, apesar da abolição, continuaram sendo operados com a mesma lógica de exploração. Se antes a escravidão era institucionalizada, neste momento ela é sugerida e praticada nas relações. Bertoleza trabalha e deixa todo o seu dinheiro com ele, em com-

pleta submissão, e é enganada, bem como os habitantes do cortiço que deixam todo o seu ordenado na taverna: “[...] por ali não se encontrava jornaleiro, cujo ordenado não fosse inteirinho parar às mãos do velhaco” (AZEVEDO, [1890] 1973, p. 33). Isso significa que esse é um novo arranjo de exploração correlato ao da escravidão, ou seja, se com a abolição não é possível mais escravizar, tirar ao máximo de proveito do trabalho do outro para enriquecer ou ainda em relação às vendas dos subsídios alimentares e de uso pessoal, em que João Romão praticamente obriga os trabalhadores a deixarem todo o seu salário para pagar dívidas que contraem em sua taverna. João Romão, segundo Cândido (2004, p. 111), é o explorador português que veio ao Brasil para enriquecer:

N’O cortiço, João Romão não se distingue inicialmente pelos hábitos da escrava Bertoleza; mas é o princípio construtor e animador da morada coletiva, de cuja exploração dura vai tirando os meios que os elevam no fim do livro ao andar da burguesia, pronto para ser comendador ou visconde. Ri melhor quem ri por último. Quem ri por último no livro é ele, sobre as vidas destroçadas dos outros, queimados como lenha para a acumulação brutal do seu dinheiro.

Há ainda a personagem Rita Baiana e sua relação com o Jerônimo. A perspectiva do narrador de Aluísio de Azevedo, a qual é fundamentada no determinismo biológico europeu, tem um caráter julgador e pejorativo sobre os negros e mestiços, principalmente sobre a mulher. Rita Baiana é descrita e caracterizada como uma mulher sedutora, fatal e perigosa. Essa visão pode ser estudada e abordada na sequência expandida, conforme foi dito anteriormente, através dos intervalos de leitura estabelecido que trata prioritariamente sobre essa personagem, bem como a contextualização teórica.

Em relação à temática do trabalho, a perspectiva do determinismo biológico descreve Rita como uma mulher sedutora, que gosta de desfrutar a vida com liberdade, inclusive sexual, e que não é afeita ao trabalho, de modo que os julgamentos de raça acompanham essa descrição, como na parte em que Jerônimo a vê dançando:

E viu a Rita baiana, que fora trocar o vestido por uma saia, surgir de ombros e braços nus, para dançar. A lua destoldara-se nesse momento, envolvendo-a na sua cama de prata, a cujo refulgir os meneios da mestiça melhor se acentuavam, cheios de uma graça irresistível, simples, primitiva, feita toda de pecado, toda de paraíso, com muito de serpente e muito de mulher. (AZEVEDO, [1890] 1973, p. 92).

A visão que se acentua de Rita Baiana durante boa parte da narrativa é a de mulher fatal e pouco afeita ao trabalho. Em alguns momentos, o narrador até deixa entrever que ela sofre violência física e moral de Firmo, bem como as tentativas dele de prendê-la, mas são informações muito breves em relação às outras, demonstrando uma perspectiva ideológica definida, ou seja, mulher, mestiça, sensual, fora do padrão europeu e, portanto, perigosa e pernicioso como uma serpente. A referência religiosa da reprovação em torno da serpente se faz pertinente no sentido de acentuar o caráter perigoso e animalesco de Rita, conforme a teoria do determinismo biológico, a qual pode ser abordada na contextualização teórica de *O Cortiço* ([1890] 1973), já descrita anteriormente.

Junto a Rita, há o capoeirista, Firmo, descrito como tão ou mais sensual e malandro quanto ela. Também dito como violento, conforme a descrição a ser abordada no momento do recorte com os alunos:

Firmo, o atual amante de Rita Baiana, era um mulato pachola, delgado de corpo e ágil como um cabrito; capadócio de marca, per-

nóstico, só de maçadas, e todo ele se quebrando nos seus movimentos de capoeira. [...] Pernas e braços finos, pescoço estreito, porém forte; não tinha músculos, tinha nervos. [...] Era oficial de torneiro, oficial perito e vadio; ganhava uma semana para gastar num dia; as vezes, porém os dados ou a roleta multiplicavam-lhe o dinheiro, e então ele fazia como naqueles últimos três meses; afogava-se numa boa pândega com a Rita Baiana. A Rita ou outra. “O que não faltava por aí eram saias para ajudar um homem a cuspir o cobre na boca do diabo!” (AZEVEDO, [1890] 1973, p. 81).

Alguns adjetivos usados na descrição como “pachola”, “cabrito”, “pernóstico”, “vadio” e a informação de que “tinha nervos”, mostrava um perfil bem definido que o Determinismo Biológico europeu e branco usa para justificar o racismo no Brasil, afirmando que o mestiço é perigoso, pouco confiável e inconstante no trabalho.

Túlio e Antero se opõem, por exemplo, a Firmo, no sentido que ambos são bons homens, generosos e pacíficos, ao contrário de Firmo. Túlio, por exemplo, se configura no narrador das desventuras e sofrimentos dos outros dois do trio, Suzanna e Antero. Sua descrição já se antevê pelo título do primeiro capítulo “Duas almas generosas”, em que sua bondade é igual a do homem branco que salvou, Tancredo. Essa é a descrição de Túlio, na cena em que encontra Tancredo ferido no chão e o socorre:

O homem que assim fallava era um pobre rapaz, que ao muito parecia contar vinte e cinco anos, e que na franca expressão de sua physionomia deixava adivinhar toda a nobreza de um coração bem formado. O sangue africano refervia-lhe as veias; o mísero ligava-se à odiosa cadeia da escravidão; e em balde o sangue ardente que herdara de seus paes, e que o nosso clima e a servidão não poderam resfriar, embalde-disemos-se revoltava; porque se lhe erguia como barreira – o poder do forte contra o fraco! (REIS, 1859, p. 13).

Túlio é descrito pela narradora como o salvador da vida de Tancredo, como um homem generoso, bom e sofredor por sua condição de escravo. Tancredo, o mocinho branco, estabelece uma relação de amizade com Túlio, que é tão valoroso quanto o amigo. Neste sentido, a narrativa conduz o olhar do leitor ao colocá-los lado a lado em escala de valores éticos e morais a fim de desmantelar qualquer diferença ou superioridade de raça entre eles. É assim que a perspectiva da narradora e da voz da autora Maria Firmina se desvela.

No capítulo “A preta Suzana”, em que Túlio descreve a personagem que sempre fora como uma mãe para ele e narra a conversa que tiveram, em que Suzana lhe conta a sua história de cativo, lembrando o tempo em que era livre: “- [...] Liberdade! Liberdade...ah! Eu a gosei em minha mocidade! - continuou Suzana, com amargura” (REIS, 1859, p. 91), em que se casou e teve uma filha, e que era muito feliz. Contudo, sua felicidade se acabou no dia em que foi aprisionada, enquanto trabalhava na lavoura de milho:

Minha filha sorria-se para mim, era ella gentil-sinha, e em sua inocência similhava um anjo! Desgraçada de mim! Deixei-a nos braços de minha mãe, e fui-me à roça colher milho. Ah! Nunca mais devia eu ve-la...Ainda não tinha vencido cem braços do caminho, quando um assobio, que repescutiu nas maltas, me veio orientar do perigo eminente, que ahi me aguardava. E logo dous homens appareceram, e amarraram-me com cordas. Era uma prisioneira! Era uma escrava! [...] quando me arrancaram d’aqueles lugares, onde tudo me ficava-patria, esposo, mãe e filha, e liberdade! Meo Deos! [...] Metteram-me a mim e a mais trezentos companheiros de infortúnio e de cativo no estreito e infecto porão de um navio. Trinta dias de cruéis tormentos, e de falta absoluta de tudo quanto é mais necessário à vida passamos n’essa sepultura até que abordamos nas praias brasileiras (REIS, 1859, p. 92-93).

A perspectiva posta sobre a personagem é a da mulher escravizada, separada de sua família. Além disso, é ela quem narra a própria história para Túlio, ou seja, é a própria voz da negra escravizada, exercendo a função de sujeito da narrativa da própria história.

Antero é o terceiro negro escravizado protagonista e aparece no XVIII capítulo, intitulado "A dedicação". A descrição abre o capítulo: "Antero era um escravo velho, que guardava a casa, e cujo maior defeito era a afeição que tinha a todas as bebidas alcoholizadas" (REIS, 1859, p. 170). O alcoolismo, no caso, simboliza a amargura e a revolta de Antero com sua própria vida de escravizado e uma forma de aguentar a sua existência. Ao mesmo tempo, representa a cultura antiga de sua terra africana, quando narra um pouco dos costumes de sua terra natal a Túlio e aos prisioneiros:

-Pois ouça-me, senhor conselheiro: na minha terra há um dia em cada semana, que se dedica à festa do Fetixe, e n'esse dia, como não se trabalha, a gente diverte-se, brinca e bebe. Oh! Lá então é vinho de palmeira mil vezes melhor que cachaça, e ainda que tiquira! (REIS, 1859, p. 173).

Antero, pois, exerce a função da memória e do resgate dos traços culturais das terras da África, apagadas pela escravidão. Por isso, a presença desse personagem transcende o seu vício pelo álcool, pois ele representa a ancestralidade e tem a função de resgatar as culturas africanas, o que demonstra a ideologia do narrador e do lugar de fala que a própria autora, Maria Firmina dos Reis, ocupa.

Por fim, a figura do explorador e do escravocrata Fernando P. representa a síntese da escravidão, bem como também da vilania que impede o casal romântico Úrsula e Tancredo de concretizarem seu amor. Em-

bora o romance tenha como foco a história de amor, é a trama dos negros escravizados por Fernando P. que tem real destaque no romance de Maria Firmina dos Reis.

A proposta é analisar, portanto, os personagens mestiços ou negros de *O Cortiço* ([1890] 1973) e estabelecer relação com o trio protagonista de *Úrsula* (1859), Túlio, Antero e Suzana, assim como também com a representação do fazendeiro explorador, fazendo contraponto com João Romão e o novo arranjo de exploração representado em *O Cortiço* ([1890] 1973) na forma como são descritos por cada narrador e o que isso demonstra sobre a perspectiva adotada por cada um, em seu respectivo lugar de fala. Nesse sentido, se objetiva chegar, através da sequência expandida de comparação entre as duas obras, a diferença não só da perspectiva do lugar de fala, mas entre os períodos históricos, isto é, o da escravidão e o pós-abolição, na constatação de como o racismo estrutural da sociedade brasileira se formou e continuou, mesmo após o fim oficial da escravidão.

Para realizar esta comparação na sequência expandida, os personagens analisados anteriormente foram recortados e elaborada uma tabela com as duas perspectivas em torno das características e diferenças entre os personagens e suas épocas históricas. Este comparativo pode ser feito juntamente com os alunos ou mesmo ser feito individualmente. Nesse sentido, a partir daqui os alunos também podem escolher um recorte para fazer o seu projeto, que representa a última etapa da sequência expandida, conforme proposta por Cosson (2009). O quadro a seguir mostra os pontos em suas diferenças e semelhanças, cujo comparativo são as épocas histórias e as perspectivas dos lugares de fala de seus autores:

QUADRO COMPARATIVO ENTRE AS OBRAS (Sequência expandida)

Perspectiva ideológica e lugar de fala	<i>O cortiço</i> (1997) (perspectiva do europeu branco e homem - lugar de fala dominante - determinismo biológico)	<i>Úrsula</i> (1859) (perspectiva da mulher mestiça-abolicionista, lugar de fala do negro escravizado)
Período histórico	Período pós-abolição, fim do império e Proclamação da República.	Escravidão no Brasil e economia da cana de açúcar.
Personagens exploradores	João Romão: vendeiro, explora Bertoleza e os habitantes do cortiço nos preços dos seus aluguéis e nos itens de seu armazém, uma vez que eles adquirem dívidas intermináveis ao comprar com ele.	O fazendeiro Fernando P: escravocrata, que tortura seus escravos. Conhecido também pela vilania e ciúme com sua sobrinha Úrsula com Tancredo, uma vez que mata o casal protagonista para impedir a concretização do amor e enlouquece depois.
Personagens mulheres mestiças escravizadas/livres.	Bertoleza: ex-escrava enganada por João Romão que pretendia comprar sua alforria. Rita Baiana: símbolo do Brasil, mestiça fatal e sedutora. Livre, porém, explorada.	Suzanna: escrava que fora sequestrada na África, separada de sua mãe, filho e esposo. Imagem de mulher trabalhadeira, honesta e sofredora. Memórias de tortura no navio negreiro.
Personagens homens negros ou mestiços e seus pontos em comum	Firmo - alcóolatra, jogador, malandro, preguiçoso.	Antero: alcóolatra, contudo, por revolta e melancolia por sua vida de escravizado. Representa a memória, a ancestralidade e as tradições culturais de sua terra africana. Túlio: homem negro escravizado íntegro, honesto e bondoso. Salva a vida do mocinho branco, Tancredo, par romântico de Úrsula.

Fonte: própria autora

Os dois romances, portanto, se opõem, principalmente nas perspectivas dos lugares de fala que assumem e na forma como empreendem a denúncia das explorações do trabalho do negro e do mestiço construídas e reforçadas historicamente. Em *O Cortiço* ([1890] 1973), a perspectiva presente é a racionalista, na qual, segundo Cândido (2004), impera a lógica perversa de raças e de classes dos três pês, conforme a poesia de Oswald de Andrade, aplicadas ao português pobre, negro e burro: “pão para comer, pano para vestir e pau para trabalhar.” A visão em *Úrsula* (1859) se opõe porque é a voz dos escravizados narrando a sua própria vida e injustiças sofridas.

A partir da elaboração desse quadro, os alunos podem completar a sequência expandida com a escolha de um recorte específico para trabalhar em seus projetos. Os personagens elencados e comparados entre si podem ser um ponto a ser contemplado e estudado mais a fundo.

Considerações finais

A proposta metodológica de Cosson (2009) para a leitura literária permite que a exploração da obra primeira, *O Cortiço* ([1890] 1973), seja mais aprofundada do que da maneira tradicional por possibilitar que o aluno compartilhe as suas impressões e interpretações. Com a expansão, é possível desenvolver a consciência histórica das consequências da escravidão, representada em *Úrsula* (1859) no período Imperial e início da república no Brasil, contexto histórico de *O Cortiço* ([1890] 1973). É a consciência que se objetiva formar, enquanto formação de leitores, segundo Bordini e Aguiar (1998, p. 8):

Registrando a linguagem verbal, através do código escrito, o livro é o documento que conserva a expressão do conteúdo de consciência humana individual e social de forma cumulativo. Ao decifrar-lhe o texto, o leitor

estabelece elos com as manifestações sócio-culturais que lhe são distantes no tempo e no espaço.

Dessa forma, as diferenças de contexto histórico, bem como de perspectiva em torno dos arranjos diferentes de exploração do trabalho de pessoas negras no Brasil leva os alunos a compararem a descrição dos personagens do quadro acima, realizados nos romances tomados como corpus. Enquanto o primeiro romance, isto é, que representa o cânone, aborda o período pós-abolição e mostra a exploração do trabalho dos negros e mestiços, embora a escravidão tenha sido abolida, o segundo mostra a perspectiva da violência da escravidão. A sequência expandida elaborada a partir dos princípios metodológicos de Cosson (2009) objetivou mostrar que, na verdade, o contexto representado em *O Cortiço* ([1890] 1973) se trata de uma continuação da exploração do trabalho negro que veio por consequência da escravidão, ficcionalizada em *Úrsula* (1859), exploração que foi arranjada sob outros moldes.

Além disso, a perspectiva narrativa difere entre as obras, uma vez que a canônica representa a fala do branco europeu, a do racionalismo e do determinismo biológico, comparando os pobres, mestiços e negros com animais e, dessa forma, acaba por justificar o racismo e em *Úrsula* (1859), a autora Maria Firmina dos Reis assume este lugar de fala, por ser mulher, negra, ocupante de uma posição de certo privilégio, ou seja, a de professora que poucas ocupavam em sua época. Seu romance possui, portanto, uma linha ideológica abolicionista, cujo lugar de fala predominante é a dos negros escravizados e não a do branco que os descreve e fala por eles.

Por isso, a descrição entre os personagens é oposta, principalmente em relação às mulheres. Enquanto Rita Baiana e Bertoleza

são descritas como animais, uma por sua sensualidade e a outra pelo seu trabalho duro em *O Cortiço* ([1890] 1973), Úrsula (1859) foca na história de sofrimento e de violência que Suzanna sofreu ao ser raptada de sua terra para ser escravizada no Brasil. Isso significa que o sofrimento da mulher negra é reconhecido e validado pelo narrador de Maria Firmina dos Reis, quando o de Aluísio de Azevedo, por ser uma perspectiva masculina e branca, apenas menciona a violência doméstica e física que Rita Baiana sofre de Firmo, além de sua postura de mulher livre ser criticada e vista de forma pejorativa e ameaçadora. Do mesmo modo se procede em relação aos homens na descrição: Firmo é descrito como vagabundo e viciado em jogo e em bebidas por mera malandragem, enquanto o alcoolismo de Antero é resultado do fruto do sofrimento causado por sua condição de escravo. A perspectiva sobre Túlio também difere da de Firmo, uma vez que ele, enquanto negro escravizado, é posto em pé de igualdade em valores éticos e morais com o mocinho branco, Tancredo.

O final da sequência expandida une e tece todas as partes anteriores planejadas para a abordagem de *O Cortiço* ([1890] 1973), na sequência básica. Esta começou com a apresentação de várias profissões, de modo a mapear os possíveis preconceitos de classe e de cor arraigados e construídos nos alunos, até a primeira interpretação, a qual trouxe a poesia slam de Rafael Carnevalli, denunciando que o racismo iniciado com a escravidão de pessoas negras, em Úrsula (1859) continuado sob novos arranjos após a abolição, em *O Cortiço* ([1890] 1973), se faz presente na atualidade no assassinato de jovens negros nas favelas do país.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vera Teixeira de; BORDINI, Maria da Glória. *Literatura: a formação do leitor- alternativas metodológicas*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

AZEVEDO, Aluísio. *O Cortiço*. Rio de Janeiro: Ed. Americana, 1973.

BENEVIDES, José Lucas Góes. *A representação da mulher escravizada na literatura brasileira: uma leitura comparativa entre Escrava Isaura e Úrsula*. Mafuá. N.27. Florianópolis: Santa Catarina, 2017. Disponível em: <https://mafua.ufsc.br/2017/representacao-da-mulher-escravizada-na-literatura-brasileira-uma-leitura-comparativa-entre-ursula-e-esrava-isaura/>. Acesso em: 21 ago. 2023.

CÂNDIDO, Antônio. *De cortiço em cortiço. O discurso e a cidade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004

CARNEVALLI, Rafael. *Resistência. Slam resistência-Rafael Carnevalli sobre a realidade opressora brasileira*. 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=P3g-zwY-WEC0>. Acesso em: 14 ago. 2023.

COSSON, Rildo. *Letramento Literário teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2009.

REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula*. Maranhão: Biblioteca Pública Benedito Leite, 1859.

Submissão: agosto de 2023.

Aceite: agosto de 2023.